

Daniela Mazo Chiarato Ceresa

Dificuldades de Leitura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Monografia apresentada para obtenção do título de professor das séries iniciais do ensino fundamental, no curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação- FACE, do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB
Orientadora Dra. Maria Eleusa Montenegro.

Brasília
2006

Agradecimento

Primeiro a Deus que esta sempre ao meu lado.

Meu marido que sempre me apoiou em todos sentidos.

Meus filhos colaboraram não fazendo bagunça.

Meus pais sempre torceram pelo meu sucesso.

As amigas Marley e Claudia que juntas conseguimos alcançar nossos objetivos.

A professora Maria Eleusa que compartilhou seu conhecimento engrandecendo esta pesquisa.

“Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.”

Leonardo Boff

Resumo

A alfabetização é realizada através do processo de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental sendo que, neste processo, podem ocorrer problemas de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita. Esta pesquisa é um estudo referente às dificuldades de aprendizagem na leitura, em crianças do ensino fundamental. Foi enfatizado o processo de alfabetização nas série iniciais, e as teorias referentes a este processo. O referencial teórico contribuiu com a busca por informações esclarecendo, no decorrer da pesquisa, as dúvidas. Neste trabalho, a intenção foi investigar as dificuldades de leitura no processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental e as soluções encontradas na superação desse problema. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi baseada na abordagem qualitativa que ajuda a identificar questões e entender porque elas são importantes. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, com questões diretas, partindo da questão gerativa, contudo, centrou-se nos objetivos específicos. Foram entrevistadas quatro professoras da rede particular de ensino do Distrito Federal. Os principais resultados obtidos nesta pesquisa enfatizaram a importância de avaliar o aluno para identificar o grau de sua dificuldade. Como dificuldades mais frequentes foram apresentadas as trocas de fonemas, interpretação, falta de atenção e dislexia. As sugestões apresentadas pelas professoras foram que é preciso estimular o aluno constantemente com atividades variadas e lúdicas; fazer uma parceria escola e família; ou, de acordo com sua dificuldade, buscar ajuda especializada de um psicopedagogo. Concluindo, foi verificado que as dificuldades de aprendizagem na leitura são importantes e precisam ser sanadas para que o processo de aprendizagem aconteça e seja tranquilo, pois ler é um ato de sabedoria.

Palavras chave: Leitura. Aprendizagem.

Dificuldade de aprendizagem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
1.1	JUSTIFICATIVA.....	6
1.2	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	7
1.3	OBJETIVOS.....	7
1.3.1	Objetivo Geral.....	7
1.3.2	Objetivos Específicos.....	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1	O CURRÍCULO DAS SÉRIES INICIAIS.....	8
2.2	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	10
2.3	TEORIAS REFERENTES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	12
2.3.1	O construtivismo de Emília Ferreiro.....	13
2.3.2	A perspectiva histórico-cultural de Lev S. Vigotsky.....	17
2.3.3	A teoria comportamental de Burrhus Frederic Skinner.....	18
2.4	PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESAFIOS EDUCATIVOS PARA AS SÉRIES INICIAIS.....	19
2.5	DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA.....	20
3	METODOLOGIA.....	24
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	24
3.2	CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	24
3.3	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	24
3.4	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	24
3.5	CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	25
3.5.1	Especificação das categorias escolhidas.....	25
3.5.2	Organização, análise e discussão dos dados.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33
	APÊNDICE- ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	36

TEMA

Dificuldades de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

A alfabetização é realizada através do processo de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental sendo que neste processo, podem ocorrer problemas de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita.

Ensinar a ler e escrever é uma tarefa muito importante e a aprendizagem se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Não se pode esquecer que as crianças chegam às escolas sabendo várias coisas sobre a língua, por isso, é preciso avaliá-las para determinar estratégias para sua alfabetização. É importante não deixar de conhecer que existem fatores que não podem ser desconsiderados como o grau sócio-econômico, a falta de interesse, problemas emocionais e de saúde, todos estes que atrapalham o processo de ensino aprendizagem.

É necessário que professor como um profissional, domine os conteúdos das diversas disciplinas a serem ensinadas, ser capaz de articular o didático e o pedagógico.

O conjunto, da prática com o pedagógico auxilia a compreender como acontece o processo de ensino aprendizagem. Também o convívio com os alunos, as atividades do cotidiano escolar são importantes para aquisição do conhecimento proposto por este trabalho.

É importante ressaltar que durante o curso de Pedagogia, Formação de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, esta acadêmica vivenciou na prática todo o processo de ensino-aprendizagem, uma que já atua.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Essa monografia é continuidade dos trabalhos realizados no curso de Pedagogia na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica IV, onde se percebeu a

necessidade de compreensão dos problemas de leitura, escrita e interpretação, implícitas nas situações de aprendizagem no cotidiano escolar, tendo como foco os problemas de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

Após a realização dessas disciplinas sentiu-se a necessidade de aprofundamento desse tema, tendo como recorte os problemas de aprendizagem decorridos na leitura.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar as dificuldades de leitura processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental e as soluções encontradas na superação desse problema.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar quais são os mecanismos envolvidos no processo de alfabetização;
- Identificar quais são as dificuldades de aprendizagem mais comuns na aquisição da leitura.
- Verificar as medidas adotadas na solução de problemas relacionados à leitura;
- Analisar o papel da escola frente às dificuldades de leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desse projeto de pesquisa foi construído com o intuito de aprofundar as questões referentes às dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, tendo como recorte o processo e as dificuldades da aquisição da leitura.

Para tal, utilizou-se os trabalhos dos autores que abordam diretamente o objeto de estudo desse trabalho, entre eles: Ferreiro (1985), Teberosky (1985), Bossa (2000) e Pausas (2004).

Desenvolveu-se um estudo baseado nas obras acima citadas para saber o que e quais são os problemas de aprendizagem na leitura, bem como as medidas propostas para minimizar este problema.

2.1 O CURRÍCULO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A educação brasileira, tal como estabelece a Constituição Federal de 1988, nos artigos 205 e 206, visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, a seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Libâneo (2003, p. 357)

A organização do ensino fundamental pode ser por séries anuais, períodos semestrais, ciclos, períodos de estudos, idade, competência ou qualquer outra forma que o processo de aprendizagem requerer.

A resolução CNE/CBE nº 2/98 Libâneo, (2003, p. 358)), que fixa as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental, apresentam como princípios norteadores de ação pedagógica a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito ao bem comum, os direitos e deveres da cidadania, os exercícios da criticidade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Esta resolução também pontua que a educação fundamental vai relacionar a vida com as seguintes áreas do conhecimento: língua portuguesa, língua materna (indígena), matemática, ciências, geografia, história, língua estrangeira, educação artística, educação física e educação religiosa. (LIBÂNEO, 2003, p. 256)

Segundo Libâneo (2003, p. 235)

Os sistemas de ensino dos estados e do Distrito Federal compreendem as instituições de ensino mantidas, respectivamente, pelo poder público

estadual e pelo Distrito Federal. A organização da educação escolar é administrada pela União.

Libâneo enfatiza que para garantir que todos alunos tivessem acesso a um ensino de qualidade, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais, com a função de orientar e garantir uma coerência das políticas de melhoria da qualidade de ensino, existindo uma participação de técnicos e professores, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a movimentação que a pedagogia encontra-se. Principalmente que exista um trabalho em conjunto para a construção de um ensino de qualidade no Brasil.

“A partir da primeira lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, consolidou-se no sistema de ensino brasileiro um formato de currículo [...]”. (BARRETTO, 2000, p. 22).

Segundo Barretto (2000) já citado anteriormente, as instituições de ensino, tem, flexibilidade na escolha das disciplinas e podendo adequar o currículo a cada região. O ensino de qualidade que a sociedade procura atualmente é uma prática educativa que atenda as necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais. Um processo de ensino aprendizagem que forme cidadãos conscientes, críticos, participativos dos interesses mundiais e da sociedade em que vivem.

O currículo da língua portuguesa tem como objetivo de acordo com Barretto (2000, p.70) “[...] levar o aluno ao domínio da norma padrão, principalmente em sua modalidade escrita, sendo esse domínio a condição prévia para o exercício da cidadania [...]”. Com essa norma a língua portuguesa tem uma relação com a cultura com o objetivo de preservar a língua materna e assim a cultura brasileira.

Os eixos norteadores do ensino de português são a concepção da língua e da gramática, variação lingüística e concepção de texto. Na leitura, o currículo orienta respeitar a diversidade de textos literários, algumas sugestões de avaliação para leitura são debates, representações, elaborações de resenhas, etc. (BARRETO, 2000)

Enfim, os currículos vieram para auxiliar a educação brasileira, construindo o saber e ao mesmo tempo democratizando a sociedade.

2.2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alfabetizar é garantir o acesso à leitura e à escrita enquanto direitos de cidadania. A escola tem um papel importante a desempenhar na concretização deste direito.

O aprendizado da leitura é um momento importante na educação, que começa na alfabetização e se estende por toda educação básica. Consiste em garantir que o aluno consiga ler e compreender diversos tipos de textos.

O processo de alfabetização das séries iniciais é um ponto importante deste trabalho, pois a alfabetização está em constante mudança. Os profissionais de educação estão sempre inovando para que o processo de alfabetização se torne mais prazeroso e com resultados satisfatórios.

Neste trabalho será analisada a obra das autoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985) que, no livro “Psicogênese da língua escrita”, relatam todo esse processo da aquisição da leitura e escrita.

O importante é que se leve em conta, que a criança antes de iniciar o processo de aprendizagem da leitura e escrita, ela imagina como é objeto do conhecimento.

É importante levar em conta que além do código específico da escrita, a cultura e o ambiente letrado em que a criança se encontra antes e durante a alfabetização.

Antes mesmo de irem para escola, a maioria das crianças descobrem as regras da língua escrita, sabem que a leitura se da esquerda para a direita e entendem que as letras reproduzem os sons da fala. Emilia Ferreiro, em estudos realizados com Ana Teberosky, perceberam que todas as crianças, ao aprender a ler e escrever, passam pelas mesmas fases.

Compreender as interpretações que a criança elabora a respeito da relação entre imagem e texto escrito. Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky (1985, p.63) afirmam que “se nos colocamos no início da representação gráfica infantil, vemos que nos primeiros traços, de produção espontânea, desenho e escrita se confundem”.

A escrita é um objeto simbólico que representa alguma coisa. O desenho tem uma relação com o objeto que representa e a escrita não. Sobre este aspecto, elas afirmam:

Considerarmos o problema das relações entre desenho e escrita não significa naturalmente, reduzir esta ao desenho; como veremos no desenvolvimento psicogenético, a escrita mantém relações muito estreitas com o desenho e com a linguagem, mas não é nem a transcrição da linguagem, nem um derivado do desenho. (1985, p. 64).

Para as crianças desde cedo o livro serve “para olhar”, pois olham as figuras e muitas vezes mostram que estão “lendo”. A criança imita o adulto na forma como ele lê, pega o livro, gestos usados.

No início da alfabetização a criança espera que a escrita represente unicamente os objetos e personagens dos quais se fala. E no mesmo nível de desenvolvimento a criança vai centralizar na forma lingüística, entretanto será difícil entender que a oração possa dividir de acordo com que o texto propõe. As autoras enfatizam que,

Nossa resposta é simples: a compesão do sistema de escrita é um processo de conhecimento; o sujeito deste processo tem uma estrutura lógica e ela constitui, ao mesmo tempo, o marco e o instrumento que definirão as características do processo. A lógica do sujeito não pode estar ausente de nenhuma aprendizagem, quando esta toma forma de uma apropriação de conhecimento. (1985, p.155)

A criança esta sempre vendo o adulto ler de diversas formas, entretanto nada lhe é transmitido ou dado sua significação. O adulto esta sempre lendo jornais, placas, revistas, TV; todas estas formas de leitura são diferentes, mas todos são atos de leitura. A criança observa tudo e imita; assim ela vai compreendendo muitas coisas e a imitação espontânea não será uma cópia, mas uma tentativa de compreender o modelo imitado. Assim, as autoras citadas anteriormente pontuam que é muito difícil saber todos os atos de leitura que um adulto faz e a criança presencia desde muito cedo, é importante incluir também a leitura dirigida que é feita para a criança. (1985, p.156)

No processo de leitura a linguagem escrita se diferencia do oral, e os leitores adultos estão sempre tão habituados que antes de começar ler um texto já antecipamos o tipo de característica do texto.

A leitura silenciosa para criança não pode acontecer no nível inicial de aprendizagem, pois a leitura não pode ser feita sem voz, a leitura para criança tem

que acompanhar o gesto com a voz. De acordo com Ferreiro e Teberosky é importante ouvir o que esta sendo lido junto com a interpretação, é necessário indicadores lingüísticos para definir o ato de leitura. (1985, p.160)

Estar sempre atento ao que esta lendo é uma atividade que esta presente no ato de leitura, para ler tem que olhar, somente olhar não é suficiente.

A diferença entre a língua oral e escrita, por crianças que não sabem ler, mostram uma aprendizagem através de uma experiência que não é organizada, metódica. A capacidade de diferenciar a língua escrita da oral é muito importante para o início da aprendizagem. Assim,

Aqueles que já vieram preparados e forem capazes de fazer tal diferenciação, esperarão encontrar determinado tipo de orações nos textos escritos. São evidentemente, estas crianças as que passarão mais facilmente pelo momento de aprender a ler com "livros de leitura. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p.179)

A criança pequena, para estas autoras, que tem contato com lápis e papéis, vai registrar tentativas de escrever, que segundo as autoras já citadas anteriormente, são dois tipos de tentativas de escrita: traços ondulados contínuos (do tipo de uma série de emes em cursiva) ou uma série de pequenos círculos ou de linhas verticais. (1985, p. 181)

O fato de imitar o ato de escrever é uma coisa, interpretar a escrita produzida é outra.

No processo de alfabetização a criança desde as primeiras garatujas, vai elaborando as informações que recebe e vai aprimorando sua escrita. Cada etapa que a criança passa, que é um momento difícil, ela vai percebendo a mudança que ocorre. O momento que a criança descobre as letras é mágico, pois é um tesouro descoberto que só depende dela para achá-lo. Para esta descoberta acontecer de forma positiva, é importante que em conjunto professores, profissionais da educação e pais trabalhem para ajudar a criança neste momento tão importante.

2.3 TEORIAS REFERENTES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Para compreender o modo como as pessoas aprendem e as condições necessárias para a realização da aprendizagem, bem como identificar o papel do professor, são necessários estudos referentes às teorias do processo de

aprendizagem. Os estudos das teorias irão possibilitar ao professor adquirir conhecimentos, atitudes e habilidades que lhe permitirão alcançar melhor os objetivos do ensino.

De acordo com Bigge (1977), as teorias de aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, partindo do reconhecimento da evolução cognitiva do homem, e tentam explicar a relação entre o conhecimento existente e o novo conhecimento. A aprendizagem não seria apenas inteligência, ou a construção de conhecimento, mas basicamente, identificação pessoal e relação através da interação entre as pessoas.

As teorias de aprendizagem precisam estar em ligação direta com a prática de sala de aula, pois o professor tendo o conhecimento das teorias vai poder construir e avaliar o processo de aprendizagem e assim conduzir um ensino com mais qualidade e produzindo bons resultados.

O processo da aprendizagem é uma transformação que acontece no indivíduo, que vai adquirindo conhecimentos, formando opiniões, influenciando suas atitudes e maneiras, enfim sua vida em geral. Desenvolver as habilidades do ser humano requer uma busca constante por conhecimentos, de acordo com Bigge (1977, p. 6) “[...] um professor que não faz uso de um corpo teórico sistemático em suas decisões diárias está agindo cegamente[...]”. A importância do professor, estar com seus objetivos traçados, um planejamento adequado vão levar a resultados mais efetivos dentro de sala de aula.

2.3.1 O construtivismo de Emília Ferreiro

Observar os estudos de Emília Ferreiro (1985) e de outros pesquisadores contemporâneos contribuíram para a aprendizagem ao apresentar em suas pesquisas as concepções da criança sobre a linguagem, pois mostram que a alfabetização é um longo processo, em que o aluno observa, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, dúvida deles, reelabora, até atingir a idade adulta (a criança apresenta fases de desenvolvimento quanto à construção do pensamento em relação à linguagem).

É importante pontuar os níveis de desenvolvimento que a autora citada coloca, em que a criança vai passar no processo de aquisição de leitura e escrita:

pré-silábico: não estabelece uma relação entre linguagem falada e as diferentes formas de sua representação. A palavra e a escrita não se vinculam com a fala, só há interesse gráfico;

pré-silábico I: a grafia contém traços figurativos daquilo que se escreve. A criança só entende a leitura de desenhos ou de desenhos com letras próximas a eles. Os aspectos figurativos são essenciais;

pré-silábico II: recusa-se a escrever porque não sabe e afirma que com desenhos não se escreve. Usa sinais gráficos abandonando aspectos figurativos que ainda permanecem presentes. Nessa fase começa a compreender que só com letras é possível escrever. Na medida em que a criança vai escrevendo com letras, números ou assemelhados começa a condicionar a quantidade deles, seu tamanho e posição;

silábico: interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra;

intermediário: passagem do silábico ao alfabético. Nesse estágio a criança abandona a hipótese de que cada sílaba oral corresponde a uma letra;

alfabético: domina o valor das letras e sílabas. A criança percebe que as sílabas geralmente possuem mais de uma letra.

Os desafios educacionais são muitos e esta parte será baseada em Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que pensam o contrário em relação que a pronúncia correta e corrigida deva ser feita para não vir a ter dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. E outro item importante abordado é que deve trabalhar em sala de aula a realidade do aluno. Segundo elas "[...] Por que a mãe deverá sempre ocupar das tarefas domésticas, enquanto na escola outra mulher ensina seus filhos que as mulheres não trabalham"? Continuando, as autoras afirmam:

[...] numa lição sobre as partes da casa, numa escola de classe baixa, o vocabulário diz cozinha, quarto, sala, banheiro. (...)na realidade esta lição esta ensinando que o que elas tem não é realmente uma casa, pois muitas moram em favelas [...] (1985, p. 249)

A escola deve renunciar a corrigir a pronuncia de seus alunos? Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p. 258), “não se muda o modo de falar pela vontade. Quando se rejeita o dialeto materno de uma criança, rejeita-se a mesma por inteiro, a ela e com toda sua família, com seu grupo social de pertinência”.

A escola não deve homogeneizar a fala em função da escrita. A linguagem é um instrumento vivo de intercâmbio social, e segue uma evolução fora da escola. A

escola pode fazer distinção da fala culta e popular, censurando dialetos, porém ela não pode frear o desenvolvimento da comunidade lingüística na qual esta inserida. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985, p. 259) o que pode ocorrer nessa situação é que a política educacional irá decidir por uma conveniência que permita as crianças o acesso a um modo de falar que facilitará a inserção social futura.

As formas de falar se aprendem sobretudo quando se é criança, ensinemos se julgarmos necessário a falar outros dialetos. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p. 259), isso não deve ser um pré requisito para aprender a ler, porque estaremos freando a aprendizagem, afirmando que “[...] obrigamos o futuro leitor a mudar o dialeto para poder alcaçar a língua escrita; e à aprendizagem de novo dialeto, porque o apresentamos fora de todo intercâmbio comunicativo real”. (1985, p.259)

As teorias desenvolvidas por Emilia Ferreiro e seus colaboradores deixam de fundamentar-se em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização, para seguir os pressupostos construtivistas/interacionistas de Vygotsky e Piaget. Modelo que se baseia na idéia de que a criança, no seu desenvolvimento, constrói estruturas cognitivas sofisticadas - que vão dos poucos e primitivos reflexos do recém-nascido até às mais complexas atividades mentais do jovem adulto. De acordo com Piaget, a estrutura cognitiva é um "mapa" mental interno, um "esquema" ou uma "rede" de conceitos construídos pelo indivíduo para compreender e responder às experiências que decorrem dentro do seu meio envolvente.

Piaget (1970) não desenvolveu uma teoria da aprendizagem, mas sua teoria epistemológica de como, o conhecimento se constrói obteve grande repercussão na área educacional. Predominantemente interacionistas, seus postulados sobre desenvolvimento da autonomia, cooperação, criatividade e atividade centrados no sujeito influenciaram práticas pedagógicas ativas, centradas nas tarefas individuais, na solução de problemas, na valorização do erro e demais orientações pedagógicas.

A teoria de Piaget tem como base que o indivíduo passa por uma série de etapas, mudanças determinadas e previstas. Na teoria de Piaget a criança é entendida como um ser que esta em mudança e interagindo com a realidade e buscando sempre resolver os desafios que o mundo provoca. A educação deve proporcionar a criança um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o nascimento.

O processo de aprendizagem depende do nível que o aluno se encontra, é um processo construído internamente. A teoria de Piaget (1970, p. 20) abrange

estágios, que cada estágio está ligado ao outro e caracterizam as diversas maneiras do indivíduo interagir com o meio. É muito importante para o professor conhecer os estágios por que ele pode compreender melhor o aluno, e saber a fase que este aluno está e ajudá-lo no seu desenvolvimento.

De acordo com Piaget, as fases enfatizam que:

O Estágio Sensório-Motor (do nascimento aos 2 anos) a partir de reflexos neurológicos básicos, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio. É a fase que coloca tudo na boca para conhecer. A inteligência é prática, as noções de espaço e tempo são construídas pela ação. O contato com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento. A criança não representa os objetos mentalmente, sua ação é direta sobre eles. A estimulação recebida vai interferir na passagem para o outro estágio, a criança que recebe estímulos constantes tem um aprendizado maior.

O Estágio Pré-Operatório (2 - 7 anos), também chamado de estágio da Inteligência Simbólica. A criança já distingue uma imagem, palavra ou símbolo. Surgimento da linguagem, imitação, dramatização e do desenho. Para educação é muito importante neste estágio o lúdico, da fantasia, do faz de conta o pensamento da criança é muito rico e com muita imaginação. O período do animismo, a criança dá vida aos objetos. Este é um período que a criança é muito egocêntrica, ela acha que o mundo é só dela, é a fase dos "por quês" a criança acha que para tudo tem uma explicação. A criança não discrimina detalhes, só o total, uma visão globalizada. Também em situações onde, por exemplo é oferecido dinheiro, questionada se aceita uma nota ou várias moedas, a criança irá pegar as moedas, pois a quantidade é mais importante. Ou numa situação com duas quantidades de massinha iguais, sendo uma em formato de bola e a outra minhoca, ela vai dizer que a quantidade é diferente.

O Estágio Operatório Concreto (7 - 11 anos), a criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, já sendo capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. É capaz de ordenar os elementos por seu tamanho, com forma lógica. Tem uma organização mental integrada, tem uma flexibilidade dos pensamentos. A criança neste estágio tem a capacidade de representar uma ação no sentido inverso de uma anterior, anulando a outra (reversibilidade). É uma fase que a criança já obedece regras, participando de grupos.

No Estágio Operatório Formal (12 anos em diante) a criança vai desenvolver o raciocínio lógico, tem uma visão da realidade. A criança não se limita mais a representação imediata nem somente às relações previamente existentes, mas é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente buscando soluções a partir de hipóteses e não apenas pela observação da realidade. Em outras palavras, as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento e tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas. Na relação de grupo a criança desenvolve relações de cooperação e reciprocidade.

2.3.2 A perspectiva histórica cultural de Lev S. Vygotsky

A teoria de Vygotsky foi uma tentativa de explicar a consciência como um produto final da socialização. A aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana.

No aprendizado da linguagem, nossas primeiras expressões em grupo, ou com adultos, são com o propósito de comunicação, entretanto uma vez dominadas, elas se tornam internalizadas e permitem o "discurso interno".

O tema principal da estrutura teórica de Vygotsky é que a interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo. Este autor (1978, p. 57) afirma sobre o desenvolvimento da criança, que:

Cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois, dentro da criança (intrapsicológico). Isto se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores se originam como relações reais entre indivíduos.

Os trabalhos de Vygotsky centram-se principalmente na origem social da inteligência e no estudo dos processos sócio-cognitivos. A aprendizagem e o desenvolvimento caminham juntos desde o primeiro dia de vida da criança. Tudo o que a criança aprende com o adulto, vai sendo elaborado por ela, transformando seus modos de agir e pensar. Na teoria de Vygotsky o processo de ensino aprendizagem é uma maneira de dizer que quem aprende e quem ensina tem uma relação de interação.

Desenvolvimento cognitivo para este autor, é limitado a um determinado potencial para cada intervalo de idade (ZPD); o indivíduo deve estar inserido em um grupo social e aprende o que seu grupo produz; o conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois ser interiorizado.

Segundo Castorina (2001, p. 19)

[...] a aprendizagem consiste na internalização progressiva dos instrumentos mediadores e é uma aplicação do princípio antes mencionado: todo processo psicológico superior vai do âmbito externo para o interno, das interações sociais para as ações internas, psicológicas.

A aprendizagem ocorre no relacionamento do aluno com o professor e com outros alunos. Na zona desenvolvimento proximal, o professor vai orientar o aluno no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial do aluno, é o momento que o ensino passa do grupo para o indivíduo.

2.3.3 A teoria comportamental de Burrhus Frederic Skinner

É um dos autores mais celebres do behaviorismo, uma corrente que dominou o pensamento e a prática da psicologia em escolas e consultórios até os anos de 1950. O behaviorismo é o estudo do comportamento, são reações do organismo a estímulos externos. Para esse autor, a aprendizagem seria basicamente uma mudança de comportamento. Na aprendizagem são dois tipos o condicionamento respondente e o condicionamento operante. O respondente seria o reflexo ou involuntário, um exemplo desse condicionamento seria o arrepio por causa do frio. De acordo com Bigge, (1977, p. 271) este arrepio é:

Os reflexos foram assim chamados na suposição de que quando operam, a perturbação causada por um estímulo atinge o sistema nervoso central e é refletida, volta para os músculos ou para as glândulas.

No condicionamento operante, comportamento é voluntário inclui todas as coisas que fazemos e que tem efeito sobre nosso mundo exterior, são estímulos que seguem uma resposta. No condicionamento operante o processo de aprendizagem é através de uma resposta através do reforço.

Bigge (1977, p.272) afirma que: “para Skinner quase todo comportamento humano é produto de reforçamento operante, e a maior parte do reforçamento que ocorre aumenta a eficiência do comportamento, remodelando-o continuamente”.

O reforço pode ser positivo (uma recompensa) ou negativo (ação que evita uma consequência indesejada).

Na teoria de Skinner, a tarefa dos professores é modelar resposta dos alunos, fazer com que as crianças tenham uma pronuncia e escrita corretas. Segundo Bigge (1977, p.146), “Skinner acha que, quando os professores ensinam com sucesso, é porque organizaram contingências eficazes de reforçamento, mas que estão mais aptos a fazê-lo se entenderem o que estão fazendo”. O mais importante seria, depois de se ensinar, pedir que o aluno execute o que se ensinou e corrigi-lo imediatamente. A esta seqüência de eventos Skinner chamou de contingências do reforço. Apesar de ser uma abordagem muito controvertida, ela é bastante atual.

Skinner tinha uma grande preocupação com a educação, ele dedicou seus estudos sobre a educação e linguagem, ele desenvolveu as máquinas de

aprendizagem. Máquinas de aprendizagem nada mais eram do que a organização do material didático para que o aluno pudesse utilizar sozinho, à medida que o aluno avançava no conhecimento recebia estímulos. A idéia de Skinner não chegou a ser aplicada de modo amplo e sistemático, entretanto influenciou a educação.

2.4 PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESAFIOS EDUCATIVOS PARA SÉRIES INICIAIS

Promover a aprendizagem no aluno é o objetivo principal do professor. Para atingir este objetivo não basta ao professor dar uma boa aula, trabalhar bem os conteúdos, ele deve ter bem claro as concepções teóricas que fundamentam a sua prática.

Aprendizagem é o processo pelo qual o ser humano se apropria do conhecimento produzido pela sociedade. Em qualquer ambiente, a aprendizagem é um processo ativo que conduz a transformações no homem.

Segundo Pausas (2004, p.17) “a leitura e escrita são duas atividades complexas que, como todos sabem, são altamente necessárias para se ter acesso aos saberes organizados que fazem parte de uma cultura”. A aquisição da leitura e da escrita, são saberes que vão ajudar a construir e ampliar o nosso conhecimento principalmente do mundo que nos rodeia.

A aprendizagem da leitura e escrita é um processo de construção pessoal, no entanto não pode acontecer sozinho. É muito importante a interação professor aluno, a família também precisa estar em conjunto com a escola ajudando no processo de ensino aprendizagem.

É muito importante conhecer e respeitar o momento que a criança se encontra, e acompanhar cada passo do seu desenvolvimento, levar em conta o conhecimento prévio do aluno.

No processo de aprendizagem o papel do professor como mediador é fundamental, sempre propiciar a participação dos alunos. Não entregar tudo pronto, o ideal é deixar que o aluno participe e colabore nas decisões que serão tomadas. Sempre trabalhar a leitura e escrita dentro da realidade do aluno, avaliar cada aluno levando em conta seus esforços, observar sempre, pois é importante estar sempre atento se algum aluno não atingiu o nível esperado, saber sempre a hora certa de intervir.

2.5 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA

Falar de dificuldades de aprendizagem é muito amplo, pois existem muitos motivos que o aluno apresenta e que resulta em dificuldades de aprendizagem. Neste trabalho, o ponto crucial da dificuldade vai ser na leitura. De acordo com García (1998, p. 183):

[...] a tarefa da leitura é de natureza complexa e dominá-la corretamente supõe a execução de múltiplos processos e subprocessos, sua aprendizagem implica o encaixe de um quebra-cabeça de módulos, nem sempre bem obtido. Não é de estranhar que, na composição desse quebra-cabeça, nem todas as peças encaixem harmonicamente. Quando isso ocorre, podemos estar ante uma dificuldade de aprendizagem específica da leitura.

Segundo García (1998, p. 173) as dificuldades de aprendizagem na leitura, definem-se “pela presença de um déficit no desenvolvimento do reconhecimento e compreensão dos textos escritos”.

É importante no caso de dificuldades de aprendizagem procurar saber e identificar as causas do problema. Existem hoje profissionais que atuam para identificar dificuldades de aprendizagem, que são os psicopedagogos.

Bossa (2000, p.12) enfatiza a importância de uma avaliação feita por um profissional, afirmando que:

Os psicopedagogos são profissionais preparados para prevenção, o diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. Através de diagnóstico clínico ou institucional, identificam as causas problemáticas e elaboram o plano de intervenção.

Para a realização dos testes o psicopedagogo utiliza desenhos, histórias, atividades pedagógicas, jogos, brinquedos, etc. Através desses recursos que o profissional vai diagnosticar qual a dificuldade, pois estes instrumentos revelam dados muito importantes sobre a vida, e que muitas vezes são segredos até mesmo para a criança.

A dificuldade de aprendizagem é muitas vezes escondida e o aluno apresenta desinteresse, falta de atenção, irritação, não participa da aula e com estes problemas se afasta das pessoas, e acaba sendo um aluno problema. Não deixando parecer que ele só precisa de ajuda.

De acordo com o autor citado anteriormente,

Hoje não é admissível tratar o problema de aprendizagem como simples questão de vontade do aluno ou do professor. O atual estágio da ciência

nos mostrou que a questão é bem mais complexa e merece uma intervenção apropriada. (2000, p.13)

A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos.

É importante que escola, professor e o psicopedagogo trabalhem em conjunto, uma relação de troca. De acordo com Bossa (2000, p.16),

Sabemos que ao tratar a questão dos problemas de aprendizagem escolar temos que considerar as dificuldades da criança na escola e as dificuldades da escola com as crianças, visto que essas duas dimensões devem ser analisadas reciprocamente.

Na escola a criança sofre com muitos desafios que atrapalham seu desenvolvimento, vou pontuar alguns, pais repressores, falta de concentração, criança que não sabe lidar com regras, medo da professora, professor insatisfeito com a profissão, criança com alguma necessidade que não é vista por seus pais e professores, ou muitas vezes seus pais não querem aceitar que seu filho tenha problemas. Enfim são inúmeras as causas que uma criança pode apresentar, por isso pais, professores precisam estar atentos para poder ajuda-los. E assim procurar ajuda e de uma maneira estar presente neste processo tão importante que é a aprendizagem.

Na aquisição da leitura uma dificuldade que o aluno pode apresentar é a dislexia, de acordo com García (1998, p.173) “manifesta-se uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituições de palavras, com interrupções, correções, bloqueios”. A dislexia ocorre quando uma criança não lê bem ou não encontra sentido diante do texto escrito.

A dislexia, como dificuldade de aprendizagem, verificada na educação escolar é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. A criança em geral, apresenta dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia.

Vários fatores foram atribuídos na origem das dificuldades da leitura como a motricidade em geral, a orientação direita/esquerda, a percepção temporal, a organização perceptiva, o esquema corporal ou a lateralidade.

Segundo García (1998, p.183)

Posto que a leitura é uma tarefa complexa, que põe em funcionamento diversos processos cognitivos, as dificuldades de aprendizagem da leitura podem ser originadas teoricamente por déficits ou não aprendizagem dos

processos perceptivos, seja nos movimentos sacádicos ou nas fixações, ou seja, na análise visual, por déficits [...].

As principais dificuldades na leitura e escrita que a criança com dislexia apresenta de acordo com Garcia são:

- Persistência de seus erros de soletração ao ler;
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de escrita;
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com escrita semelhante; entretanto a orientação espacial é diferente: b-d, d-p, n-u, w-m, a-e;
- Confusão com as letras que, possuem ponto de articulação comum e o som é parecido: d-t, j-x, c-g, m-b-p, v-f;
- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla.

As intervenções sugeridas por García, que são feitas nas dificuldades de aprendizagem da leitura apresentadas pelo aluno quando, originam - se por fatores psicomotores ou sensoriais, será a otimização dos aspectos maturativos e de habilidades. Embora se forem de natureza neuropsicológica é importante considerar e atuar sobre os ativos e os déficits para superação do problema. A dificuldade sendo relacionada com o desenvolvimento da linguagem neste ponto que se deverá agir.

Posto que há concepções diversas que incluem fatores muito específicos na origem das dificuldades de aprendizagem da leitura, como incapacidade para a criação de imagens gestálticas, um enfoque da intervenção psicoeducativa centrada nesses aspectos seria o pertinente. (GARCÍA, 1998, p.177)

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi baseada na abordagem qualitativa, que “[...] consiste em aplicar critérios clássicos, como a validade e a credibilidade, na pesquisa qualitativa ou reformulá-los de maneira adequada com esse objetivo”. (FLICK, 2004, p.230) A pesquisa qualitativa ajuda a identificar questões e entender porque elas são importantes. O objeto de estudo é abordado de maneira aberta e ampla.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p.68),

A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.

3.1 Especificação das fases da pesquisa

Esta pesquisa compreendeu onze fases no total, iniciando na disciplina Monografia I e concluindo em Monografia II. Iniciou-se com a escolha do tema, a busca bibliográfica, a construção do referencial teórico e do instrumento de coleta de dados.

3.2 Cenário da pesquisa

O cenário escolhido para realizar a coleta de dados foi uma escola particular, localizada no Plano Piloto Brasília Distrito Federal.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados quatro professores das séries iniciais do ensino fundamental, sendo um da primeira, um da segunda e um da terceira série desse nível.

3.4 Instrumento da pesquisa

O instrumento utilizado nesta pesquisa foi uma entrevista semi-estruturada, com questões diretas, partindo da questão gerativa, contudo centrou-se nos objetivos específicos. Como Flick (2004, p.106) enfoca, [...] uma característica dessas entrevistas que questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia da entrevista. (2004, p. 106)

Este autor afirma que utilizar este instrumento com um guia de entrevista vai, [...] aumentar a comparabilidade dos dados, e sua estruturação é intensificada como resultado das questões do guia.

3.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1 Especificação das categorias escolhidas

As categorias escolhidas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

Caracterização dos participantes:

- Conceito de alfabetização;
- Conceito e identificação de dificuldades de leitura;
- Dificuldades mais freqüentes;
- Intervenções realizadas;
- Papel da escola;
- Sugestões apresentadas.

3.5.2 Organização, análise e discussão de dados

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias escolhidas, conforme descrição a seguir:

3.5.2.1 Caracterização dos participantes

Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras, sendo uma de cada série inicial do ensino fundamental de uma instituição particular do Distrito Federal. O

instrumento foi composto por sete questões sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura.

Foram observados os itens com relação ao sexo; à formação profissional; à faixa etária; ao tempo de docência; e a quantidade de alunos em cada sala.

Os participantes são do sexo feminino, sendo que na faixa etária de 20 a 30 anos e três entre 31 a 40 anos. Todas possuem o curso de Pedagogia e pós-graduação.

A quantidade de alunos por turma varia de 25 a 36 alunos.

Quanto ao tempo docência, variou de 4 a 13 anos.

Quanto à escola, possui 1400 alunos e um quadro de 163 educadores (professores e funcionários).

Possui 45 salas de aula, sendo 28 da educação infantil e ensino fundamental e o restante destina-se de quinta série ao ensino médio.

Possui um ginásio, 1 anfiteatro, uma biblioteca, três quadras descobertas, dois parques, um refeitório, uma piscina, garagem coberta, cantina, um pátio, três laboratórios, dez salas administrativas, mecanografia, almoxarifado.

O processo de ensino e aprendizagem adotado é através da metodologia de projetos. Essa maneira de ensinar e aprender oferece possibilidades de trabalhar a contextualização, os conteúdos significativos, as atualidades e as realidades do universo do aluno. (PROJETO, 2006)

A missão da escola, ainda nesse documento, é “educar e evangelizar crianças, jovens e adultos, através de processos criativos e inovadores, segundo a filosofia da escola, formando cristãos e cidadãos comprometidos, preparando-os para os desafios da vida, contribuindo assim para a transformação social”.

3.5.2.2 Outras categorias

Com os dados coletados e organizados, foram analisados e discutidos de acordo com os objetivos da pesquisa e o referencial teórico.

- Conceito de alfabetização.

Professor A- “Processo da aquisição dos símbolos (códigos). Considero também o desenvolvimento da habilidade de interpretação nesse processo”.

Professor B- “Para mim, o processo de alfabetização não pode ser visto como o momento no qual a criança organiza e decodifica o código lingüístico. Ela tem de ser capaz de interpretar este código, fazer relações e julgamento do mesmo”.

Professor C- “Momento em que o aluno vai absorver e entender o conteúdo”.

Professor D- “É o processo de descoberta e desenvolvimento do aluno”.

Segundo os dados apresentados, o conceito de alfabetização é o momento em que o aluno vai desenvolver e interpretar os símbolos. Tal afirmação, pode ser encontrada em Ferreiro (1985), quando fala que a criança no momento da alfabetização interioriza conceitos, observa e reelabora.

- Conceito e identificação de dificuldades de leitura.

Professor A- “Dificuldades que impedem o desenvolvimento do processo de alfabetização ou decodificação e interpretação na leitura”. “Leitura fragmentada (leitura oral); dificuldade de entender o que leu; quando manifesta dúvidas em sua própria leitura não conseguindo entender o que leu; dificuldade de raciocínio envolvendo informações contidas no texto”.

Professor B- “Pontuação, decodificação do código, fluência, gosto”. “Observando, avaliando, colocando diversos estilos de leitura para análise”.

Professor C- “São dificuldades que o aluno apresenta na interpretação, fala e escrita”. “Avaliação constante, leitura oral e interpretação”.

Professor D- “Problema que dificulta a alfabetização e interpretação”. “Durante a leitura de textos, na escrita e interpretação das atividades. Alunos desinteressados e irritados podem apresentar dificuldades”.

Os professores A, C e D relataram que as dificuldades de leitura vão dificultar o processo de alfabetização. E para poder identificar as dificuldades, todos professores pontuam a avaliação constante e as atividades diversas. O professor D enfatizou que os alunos desinteressados precisam ser avaliados porque podem estar com dificuldades.

Segundo Garcia (1998, p. 173), sobre este aspecto, as dificuldades de leitura, “definem-se pela presença de um déficit no desenvolvimento e compreensão dos textos escritos”.

- Dificuldades mais freqüentes.

Professor A- “Leitura fragmentada e troca de fonemas”.

Professor B- “pontuação, decodificação do código”.

Professor C- “Troca de letras, dificuldades na fala e muitas vezes a preguiça”.

Professor D- “ Falta de atenção a leitura e interpretação. Troca de fonemas, problemas como a dislexia”.

Os dados, quanto aos participantes A, C e D, foram que a troca de fonemas é apresentada como uma grande dificuldade. As professoras B e D salientaram como a interpretação uma dificuldade na hora da leitura e professora D citou a dislexia.

Nesse sentido, segundo Garcia (1998, p. 173), na aquisição da leitura uma dificuldade que o aluno pode apresentar é a dislexia, que “manifesta-se uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituições de palavras, com interrupções, correções, bloqueios”.

- Intervenções realizadas.

Professor A- “Retomada da leitura feita pelo próprio aluno; retomada da leitura mediante intervenção do professor; exercícios que trabalhem as dificuldades apresentadas; troca de fonemas; sequência; oralidade; interpretação”.

Professor B- “Trabalho individualizado, atividades lúdicas, estimulação constante”.

Professor C- “Será trabalhado individualmente para avaliar suas dificuldades”.

Professor D- “ Aplicar exercícios de escrita e leitura, interpretação e atividades lúdicas”.

Os dados dos participantes B e C apresentaram que o trabalho individualizado é importante para ajudar o aluno com dificuldades. No entanto, os professores A e D falaram em aplicar atividades específicas para sanar as dificuldades. Sobre este aspecto, Bossa (2000, p. 13) afirma:

Hoje não é admissível tratar o problema de aprendizagem como simples questão de vontade do aluno ou do professor. O atual estágio da ciência nos mostrou que a questão é bem mais complexa e merece uma intervenção apropriada.

- Papel da escola.

Professo A- “Realizar atividades variadas a fim de sanar essas dificuldades; se for necessário, encaminhá-lo ao especialista”.

Professor B- “Ajudá-lo, encontrando junto com a família soluções que sejam favoráveis à criança”.

Professor C- “Avaliar e atender a família para juntos ajudar o aluno”.

Professor D- “Conhecer o grau da dificuldade para ajudar”.

O participante A salientou a importância de avaliar através de atividades variadas e o encaminhamento do aluno para um especialista. Os professores B e C afirmaram que é preciso desenvolver um trabalho conjunto, escola e família para assim compreender e ajudar o aluno.

A autora Bossa (2000, p. 12) enfatiza a importância de uma avaliação feita por um profissional:

Os psicopedagogos são profissionais preparados para prevenção, o diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. Através de diagnóstico clínico ou institucional, identificam as causas problemáticas e elaboram o plano de intervenção.

- Sugestões apresentadas.

Professor A- “1) Avaliar o grau dessa dificuldade a fim de traçar estratégias de trabalho ou procurar ajuda com um psicopedagogo. 2) Conhecer o ambiente no qual o aluno esteve inserido desde seus primeiros anos e sua história escolar. 3) Realizar atividades variadas”.

Professor B- “Estimulação: criar oficinas de leitura, hora do conto, criação de livros para os mesmos serem lidos”.

Professor C- “A leitura precisa ser estimulada sempre para criar um hábito, criar uma biblioteca de sala com títulos que os próprios alunos indiquem”.

Professor D- “De acordo com a dificuldade, buscar ajuda especializada, estimular cirandas de livros, discussões envolvendo as histórias lidas, teatros com os textos estudados, promover leituras de poesias (onde cada aluno lê para os amigos)”.

Os professores A e D enfocaram a importância de procurar ajuda especializada (psicopedagogo). O professor D também enfatizou que conhecer o aluno e sua história escolar ajuda a resolver o problema.

As respostas dos professores B, C e D são semelhantes no que se refere à estimulação e desenvolvimento de atividades diversificadas para despertar no aluno o hábito e interesse pela leitura.

Diferentemente das sugestões apresentadas pelos participantes, as intervenções sugeridas por Garcia (1998, p.13), quando originam-se por fatores psicomotores ou sensoriais, será a otimização dos aspectos maturativos e de habilidades. Embora se forem de natureza neuropsicológica é importante considerar e atuar sobre os ativos e os déficits para superação do problema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre dificuldades de aprendizagem na leitura foi muito importante para a conclusão da etapa acadêmica desta pesquisadora. Este é um tema de muito interesse porque a questão da leitura vai influenciar em vários aspectos da vida escolar e futura.

No levantamento dos autores foi verificado a riqueza de conteúdos e estudos dentro deste tema; entretanto, trabalhou-se em cima dos seguintes autores: Ferreiro, Teberosky, Bossa e Pausas.

As autoras Ferreiro e Teberosky (1985), enfatizam que a criança imita o adulto na forma como lê, assim ela vai compreendendo e absorvendo os atos do adulto. Também proposto por estas autoras é a importância no processo de alfabetização desde as primeiras garatujas. A criança vai elaborando as informações que recebe e vai aprimorando sua escrita e leitura.

Os principais resultados desta pesquisa enfocam a avaliação constante e aplicação de atividades diversas, para poder identificar o aluno que apresenta dificuldades.

Também foi observado que troca de fonemas, dificuldades na fala, dislexia, falta de atenção e interpretação, são as dificuldades mais frequentes. Constatou-se que as intervenções realizadas no aluno para sanar as dificuldades vão desde trabalho individualizado, estimulação constante, atividades lúdicas até criar um hábito de leitura no aluno.

O papel que a escola tem em relação ao aluno com dificuldade é buscar uma parceria com os pais e conhecer o grau de dificuldade para, assim, caso necessário, haver um acompanhamento de um psicopedagogo.

Foram apresentadas algumas sugestões para melhorar o aproveitamento desse aluno, tais como: conhecer a realidade desse aluno, saber sua história escolar, realizar atividades variadas, criar oficinas de leitura e estimulação constante.

Como recomendações aos professores sugere-se a continuação desse estudo pois é preciso uma reciclagem constante na intenção de inovar e estar sempre à frente.

Não houve dificuldades na realização desta pesquisa. A busca bibliográfica aconteceu sem problemas; o desenvolvimento do trabalho foi esclarecendo as dúvidas surgidas, e na coleta dos dados foi-se adicionando informações importantes que contribuíram para a finalização da pesquisa.

É um tema que pode ser aprofundado, devido sua importância, para ajudar os professores na grande missão de educar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Elba Siqueira de Sá (org.). **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2000.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BIGGE, Morris L. **Teorias de Aprendizagem para professores**. São Paulo: EPU, 1977.

BOSSA, Nadia. **Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTORINA, José Antonio; et al. **Piaget - Vygotsky Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 2001.

COLÉGIOS Marista. *Projeto Pedagógico Marista*. Porto Alegre: Marista, 2006.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Picogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

MEC Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PAUSAS, Ascen Díez de Ulzurrun (org.). **A aprendizagem da leitura e da escrita a partir de uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PELLEGRINI, D. **Alfabetização e cultura escrita**. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 162, p. 27-30, maio. 2003.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

SHAKIAN, William S. **Aprendizagem: Sistema Modelo e Teoria**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

APÊNDICE



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO - FACE

CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

PESQUISADORA: DANIELA MAZO CHIARATO CERESA

ORIENTADORA: MARIA ELEUSA MONTENEGRO

DATA: ____/____/2006

Roteiro de entrevista sobre Dificuldades de Aprendizagem na Leitura nas Séries Iniciais

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO(A)

Sexo: _____ Formação profissional: _____

Tempo de docência: _____ Série em que atua: _____

Quantidade de alunos em sala: _____

Idade: 20 _ 30 ☐ 31 _ 40 ☐ 41 _ 50 ☐ 51 em diante ☐

1. O que vem a ser o processo de alfabetização para você?
2. O que são dificuldades de leitura?
3. Como você identifica as dificuldades de leitura no aluno?
4. Quais são as dificuldades de leitura mais freqüente ?
5. Quais intervenções são feitas no processo de ensino-aprendizagem do aluno que apresenta dificuldades de leitura?
6. Qual o papel da escola em relação ao aluno com dificuldades de leitura?
7. Que sugestões você daria para o professor que tem alunos com dificuldades com leitura?